

O GLOBO

Disco: Reedições garantem o fim de ano das gravadoras • 2

SEGUNDO CADERNO

Arte: Bianco faz retrospectiva no Cassino Atlântico • 8

TERÇA-FEIRA, 19 DE DEZEMBRO DE 2006

O poeta Manoel de Barros completa 90 anos, vira tema de filme, prepara novo livro e diz que a infância o carregou até aqui

Mauro Ventura

Manoel de Barros tem planos. — Parece que eu deveria ficar no meu canto comendo mingau. Porém minha cabeça ferve de projetos.

Nada demais não estivesse o poeta completando hoje 90 anos. Mas, se a idade pode ter afetado o corpo, não fez qualquer efeito sobre sua imaginação criadora.

— Até hoje a minha velhice é infantil — garante Barros, considerado o maior poeta brasileiro vivo, ao lado de Ferreira Gullar. Ele continua buscando na infância, passada no Pantanal, a inspiração para uma obra que revela a grandeza do infimo, que mostra o apogeu do chão e do pequeno, que exibe o encantamento pelas coisas miúdas, que traz a marca da originalidade lingüística.

— A infância me carregou até aqui. De certa maneira, forcei para que minhas palavras fossem impregnadas das primeiras percepções que tive do mundo. Não sei se realizarei algum desses projetos. Mas a tal infância ainda me provoca.

Provoca a tal ponto que ele prepara um novo livro.

— Estou tentando uma terceira parte das "Memórias inventadas" — diz ele, que responde às perguntas do repórter em sua velha máquina de escrever Olivetti.

É um hábito antigo. Barros quase não dá entrevista e, quando o faz, em geral é por escrito. "A palavra oral não dá rascunho", costuma alegar o poeta, que diz ter orgulho de querer ser perfeito.

Colecionador de prêmios e de leitores

Barros tem horror ao lugar-comum. Ao longo da vida, já disse que gosta de pegar palavras muito gastas, "como as velhas prostitutas, decaídas, sujas de sangue e estercor", e arrumá-las num poema, de forma que adquiram nova virgindade. "Salvá-las, assim, da morte por clichê." A comparação com o sexo é recorrente: "Eu gozo com as palavras, bolino, acarício", já confidenciou. "Uma palavra tirou o roupão para mim."

E as palavras devolvem-lhe a afeição e o desvelo. Ele é um colecionador de prêmios — já levou dois Jabutis, ganhou há pouco seu segundo Nestlé — e de leitores — já vendeu mais de 250 mil exemplares. Também é um grande frasista. Sua obra traz versos como "Ocupo muito de mim com o meu desconhecer"; "Um grissol se apropriou de Deus: foi em Van Gogh"; "Sobre meu rosto vem dormir a noite"; "Lugar sem comportamento é o coração".

O poeta cumpre uma rotina rigorosa. Levanta-se cedo — por volta das 5h —, toma um copo de guaraná em pó, tranca-se no que chama de "escritório de ser inútil" e passa de três a quatro horas sem ser perturbado. Depois, dá uns telefonemas, almoça em torno do meio-dia e anda dentro de casa — há um ano deixou de caminhar na rua, em Campo Grande (MS). Barros já foi qualificado de "Guimarães Rosa da poesia", "o grande poeta das pequenas coisas", "o lírico da ecologia". Mas é mais comumente chamado de "poeta do Pantanal".

— Do rótulo não gosto. Mas sei que a minha poesia está fincada e molhada de natureza.

O diretor Pedro Cezar, que roda um filme sobre Barros, "Só dez por cento é mentira", esclarece: — Esse mito que se construiu de poeta da natureza é uma ilusão. A natureza é muito importante

mesmo jeito" — diz Pedro, poeta e diretor de "Fabio Fabuloso", vencedor do júri popular no Festival do Rio e na Mostra de SP.

O título do documentário de Pedro, com orçamento de R\$ 558 mil e patrocínio da Petrobras, refere-se a uma frase de Barros: "Noventa por cento do que escrevo é invenção. Só dez por cento é mentira." No filme, a escritora Adriana Falcão conta o que sentiu ao ler o poeta pela primeira vez: "Foi uma transformação como ter filho, perder mãe. Uma época pensei que tinha um câncer. Tem umas coisas muito sérias na vida da gente, que provocam uma tsunami. Manoel é assim."

— Sei do projeto do poeta Pedro de me fazer artista de cinema — diz ele. — Nesse desejo, que não descubra todas as mentiras. Acho que fui modesto em dizer que só dez por cento do que escrevo é mentira. Na verdade, acho que tudo é mentira transfigurada.

Barros é um homem viajado, sofisticado e culto, que permaneceu no quase anonimato até os anos 80, quando foi revelado ao grande público por Millôr Fernandes. Nascido em Cuiabá (MT), viveu até os oito anos no Pantanal, morou na Bolívia e no Peru, passou um ano em Nova York, e foi para o Rio, onde ficou 40 anos. Aqui, casou-se com Stella, sua mulher há 60 anos, com quem teve Pedro, Martha e João. De volta ao Centro-Oeste, herdou uma fazenda do pai, que lhe garante sustento. "Sou vagabundo profissional. Comprei o ócio para poder trabalhar", diz no filme de Pedro. Segundo ele, poesia é a virtude do inútil. "Se a pessoa tem sensibilidade, recebe o encantamento. Senão, talvez receba até uma aporrinhção, como é o caso do Manoel de Barros, que dão no vestibular para entender", faz troça. Mas, como ele mesmo já disse, "não gosto de dar confiança para a razão, poesia não é para entender, é para incorporar".

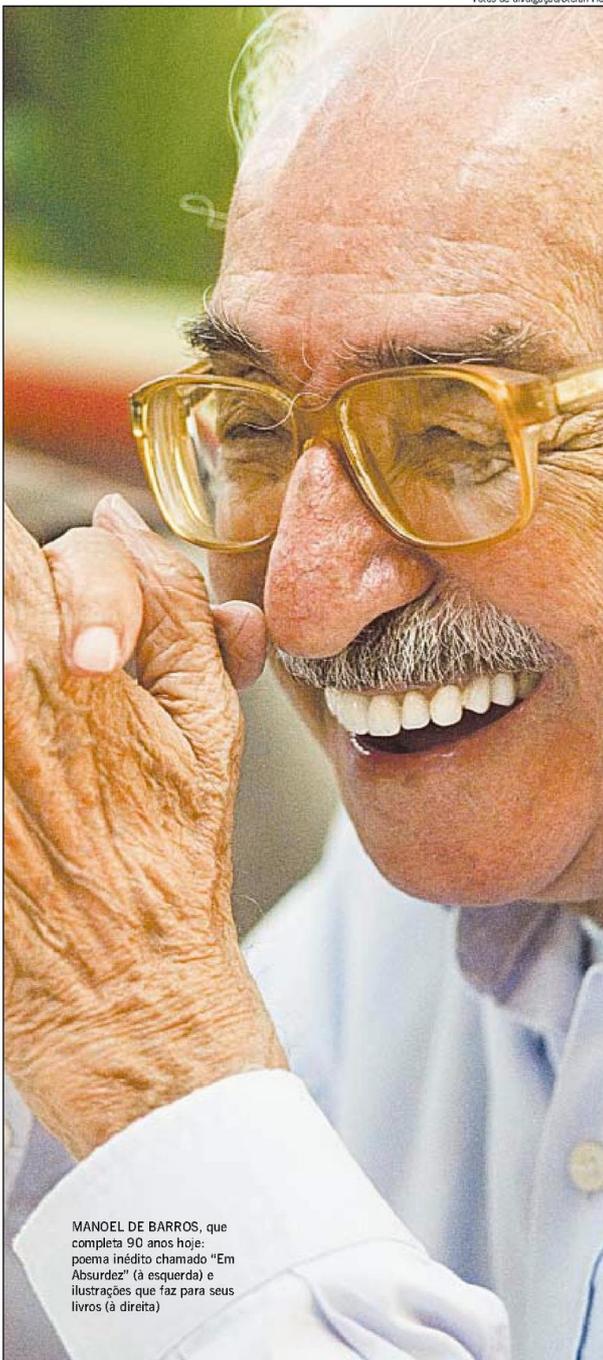
— Manoel de Barros nunca envelheceu. Ele só fez acumular infância — sintetiza Pedro Cezar.

Uma infância passada no terceiro em frente à casa, com sua lupa de poeta apontada para lesmas, musgos, sapos, caracóis, formigas e pedras — palavras que se oferecem "no maior cio" a um amante das coisas ínfimas e dos homens desimportantes. ■

'Em Absurdez'

Num poema publicado pela revista "Caros Amigos", Manoel de Barros diz que fala e escreve em Absurdez. O GLOBO pediu ao poeta que fizesse em Absurdez um poema inédito, que Manoel escreveu em sua máquina de escrever Olivetti e intitulou "Em Absurdez":

Ponho por caso um bocó. Um que a natureza progredisse para árvore. Alguém que não tivesse soberania nem pra ser um bentei. Um que achava que fosse grandeza ser um pé de coqueiro. Ele não sabia o nome das letras que formam as palavras. Mas ele bem conhecia a voz das águas. E até soletrava rá melhor que mim! Esse homem fazia parte da paisagem como um sapo, um rio, uma pedra, um passarinho. Havia embrões de primavera em seus gorjeios.



Fotos de divulgação/Stefan Hess

MANOEL DE BARROS, que completa 90 anos hoje: poema inédito chamado "Em Absurdez" (à esquerda) e ilustrações que faz para seus livros (à direita)



ESTRELA EMOCIONA QUARE EM MISA BOCA DESCALÇA

Minha velhice é infantil

Um fã na direção

Pedro Cezar vivia feliz na condição de fã apaixonado de Manoel de Barros quando sua co-produtora, Katia Adler, sugeriu um documentário sobre o poeta. Pedro resistiu, mas acabou topando. Esteve com Barros, que se mostrou arreado à idéia. "Minha vida não serve nem para anedota", disse. "Eu sou uma ruína. Para que você quer filmar o ser biológico? Faz alguma coisa sobre o ser letral." Pedro passou cinco dias em Campo Grande tentando convencer o poeta, até que desistiu. Falou "Deixa para lá, Manoel", e ouviu: "Traz a sua traquitana amanhã que a gente faz isso". — Ele me disse que até tomou remédio para dar a entrevista, por causa do nervosismo — conta Pedro. No filme, que deverá ficar pronto em abril e tem direção de Pedro Cezar, ele conta que...



SABO. A CASA TEM E MUITO CERCAVA,
cheia de muros. Todo mundo
acha que esses versos vêm de um
cara que tem uma vida bucólica,
mas são memórias fósseis que es-
tão armazenadas no cérebro. Ele
mesmo fala: "A minha linguagem
foi fertilizada pela vivência que ti-
ve no Pantanal, mas se tivesse
nascido em Paris seria poeta do

*Vadiava com as palavras ao
jeito que poemasse.
De noite recitava as suas
vadiações: Uma ave me
sonha/ uma brisa me garça/
o silêncio me pedra.
Ele é um destino de traste.
Vive encostado no abandono
moda uma pedra encostada
na solidão.*



PEDRO CEZAR: filme sobre o poeta

ue arte de marcos gomes, em entrevista barros, seus pa-
rentes e nomes como a poeta Bianca Ramoneda. Também
usa um recurso que funciona bem: atores dão depoimen-
tos como se fossem figuras reais. É o caso do faz-tudo que
explica os "desobjetos" inventados por Barros, como a "fi-
vela de prender silêncio", o "prego que farfalha", o "es-
ticador de horizontes" e o "abridor de amanhecer".

— É uma forma de colocar coisas que eu gostaria de
dizer sem apelar para a narrativa em off — explica.

